



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

O APAGAMENTO DE ESCRITORAS NEGRAS NO ENSINO DE LITERATURA

THE ERASEMENT OF BLACK FEMALE WRITERS IN THE TEACHING OF LITERATURE

Jamile Carla dos Santos Afonso¹

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo propor uma reflexão acerca do Ensino de Literatura Brasileira na Educação Básica o qual não contemplam escritoras negras, a partir das problematizações do cânone literário que não contemplam vozes marginalizadas, permanecendo inalterável. O recorte utilizado são as discussões sobre gênero e raça que norteiam a invisibilidade dessas vozes, já que o ensino de literatura ainda é conservador, pois obedecem ao tripé hegemônico que não autoriza a inclusão de outras vozes. Mediante tais constatações, este trabalho se propõe a discutir o apagamento de nomes como Carolina Maria de Jesus, Maria Firmino e Conceição Evaristo na periodização da Literatura Brasileira, na perspectiva de Ensino na Educação Básica.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Apagamento.

Abstract:

This article intends to propose a reflection on the Teaching of Brazilian Literature in Basic Education which does not includes black female writers, from the literary canon problematizations that do not contemplate marginalized voices, remaining unchanged. The cut used are the discussions about gender and race that guide the invisibility of these voices, since the teaching of literature is still conservative, as they obey the hegemonic tripod that does not authorize the inclusion of other voices. Based on these findings, this article aims to discuss the erasement of names such as Carolina Maria de Jesus, Maria Firmino and Conceição Evaristo in the periodization of Brazilian Literature, in the perspective of Teaching in Basic Education.

Keywords: Literature. Teaching. Erasure.

O sexismo na Literatura

¹ Licenciada em Letras Vernáculas com Língua Estrangeira (espanhol) pela Universidade de Federal da Bahia e Universidade de Coimbra. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade do Estado da Bahia, integrando a linha de Literatura, Leitura e Identidades. E-mail: jamilecarlaafonso@gmail.com.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Sabe-se que a construção da literatura ocidental é, historicamente, construída tendo como base obras escritas por homens brancos pertencentes à elite dominante. Assim, toda a estrutura do cânone literário ocidental mantém marcas e ideologias dominantes advindas do prestígio sociocultural que tal grupo ainda sustenta, logo a marginalização, o apagamento e a exclusão de grupos sociais diverso ao padrão hegemônico são justificados, pois, segundo Reis (1992, p. 73), o cânone está a serviço dos mais poderosos, estabelecendo hierarquias rígidas no todo social, funcionando como ferramenta de dominação, dessa forma a literatura comumente estudada e apreciada nos espaços acadêmicos não comporta produções que não estejam intrinsecamente relacionadas ao modelo dominante.

Falar do apagamento da produção negra feminina na construção da literatura brasileira nos espaços de ensino é ter como hipótese duas pautas identitárias como plano de fundo, a primeira é a identidade de gênero, já que, historicamente, as mulheres foram consideradas inferiores na esfera cultural em relação aos indivíduos do sexo masculino, tendo como base ideológica a cultura patriarcal enraizada em todos os segmentos da sociedade. Segundo Bonnici (2007, p. 86) a produção literária feminina, em meados do século XX, sempre foi vista de forma inferiorizada diante das produções masculinas, pois diversos apagamentos de autoras cuja produção expunha qualidade estética suficiente para serem referenciadas, foram apagadas e desprezadas. Assim, no campo literário, no que tange a identidade de gênero, é importante enfrentar a marginalização das mulheres escritoras e também propor a igualdade entre os sexos, com o objetivo de eliminar qualquer dominação sexista nos espaços de ensino formal em que se propõe o ensino e aprendizado de literatura.

A raça como condição de apagamento

Em segundo plano, o apagamento da produção literária feminina negra, nos espaços de ensino formal, está marcado também pela identidade étnico-racial, podendo ser atribuído ao Racismo Estrutural que, de acordo com Almeida (2018), é uma forma de violência reproduzida no tecido social não mais na forma direta, mas nas formas institucional e cultural, desse modo o Racismo Estrutural, decorrente do processo escravocrata, promove a invisibilidade cultural e coloca a população negra sempre à margem da sociedade, contribuindo, portanto, para o sentimento de inferioridade em relação aos brancos.

Tem-se como exemplo dessa invisibilidade e marginalização a escritora Carolina Maria de Jesus, autora de *Quarto de Despejo*, pois até o momento a academia não a considera como figura expoente da literatura brasileira, classificando-a como pouco relevante e consequentemente sua obra ainda permanece fora do Cânone Literário Brasileiro.

Além disso, recentemente, durante uma homenagem prestada à Carolina Maria de Jesus, na Academia Carioca de Letras, em abril de 2017, o professor doutor Ivan Cavalcanti Proença, reconhecido por desenvolver pesquisas sobre produções populares, afirmou que escrita da autora não pode ser considerada como literatura. Tal afirmação retoma às discussões sobre a literatura ocidental perpetuar a hegemonia branca, machista e burguesa. Carolina Maria por ser



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

negra e evidenciar questões relevantes sobre a vida da mulher negra e pobre, num livro que retrata a História dos negros no Brasil e a violação social dos seus corpos, é abafada e silenciada pela academia.

Diante dos fatos supracitados, é necessário refletir sobre os caminhos do ensino de literatura, posto que é necessário o enfrentamento dos discursos hegemônicos da literatura ocidental, por ser de extrema importância dar voz e visibilidade às escritoras negras as quais sofrem com o apagamento proposital nos espaços na Educação Básica.

Ademais, é necessário entender a literatura numa perspectiva dinâmica sob a ótica social, privilegiando produções marginalizadas e estigmatizadas por estar fora do que, tradicionalmente, sustenta-se como produções canônicas legitimadas.

O não-lugar

A Literatura seja na Educação Básica ou na Educação Superior não contempla produções de mulheres negras e suas contribuições para a literatura brasileira. A Universidade Federal da Bahia, por exemplo, em sua grade curricular obrigatória do Curso de Letras Vernáculas, não há nenhuma menção ao Estudo de Literatura Negra e suas contribuições para o imaginário cultural brasileiro, seja produções do gênero masculino ou feminino, há apenas cinco disciplinas optativas que tem como proposta Literatura Africana em Língua Portuguesa cujo programa está atrelado ao estudo de produções moçambicanas, angolanas e de temas como colonialidade, guerras, descolonização, além dos dilemas dos povos africanos, percebe-se, portanto, o apagamento das produções da Literatura Negra Brasileira como um todo, masculina e feminina, seja na grade obrigatória como também na grade de disciplinas optativas.

Conceição Evaristo, em sua dissertação de mestrado, cujo título é Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade (1996), aborda a falta de reconhecimento da escrita literária negro-brasileira, ou seja, embora exista uma contribuição vasta de escritores afro-brasileiros, muitos ainda permanecem silenciados, principalmente nos espaços acadêmicos por motivos ainda desconhecidos, mas, partindo da hipótese apresentada anteriormente, esse apagamento pode estar baseado no racismo estrutural.

Dentro dessa afirmação, é importante salientar que as produções literária negra feminina representam e problematizam a vida da mulher negra a qual carrega em suas obras marcas da sua vivência numa sociedade patriarcal e racista, assumindo, pois, uma literatura de engajamento social, já que reflete as problemáticas da vida nos morros, favelas, subúrbios, terreiros, trazendo também reflexões sobre a desigualdade social, a desumanização dos corpos negros, além da temática da memória, cultura, ancestralidade e que por isso precisam ser reconhecidas pela sociedade. Logo, pensar na formação docente e em disciplinas que contemplem o estudo e apreciação de escritoras como Maria Firmina, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, torna-se crucial para pensar numa educação libertária e que dá voz às mulheres negras, visto que os impactos sociais que tais produções gerariam caso não fossem



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

desprezadas, possibilitaria a difusão de conhecimento, informações e vivências do que é ser mulher negra numa sociedade racista.

O livro *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado* de Regina Dalcastagnè que tece a trajetória do perfil romancista brasileiro. Nesse livro a autora faz um levantamento de dados acerca das premiações do Prêmio São Paulo de Literatura, apontando que 93,9% dos ganhadores desses prêmios são brancos, o que salienta as problemáticas acerca do ensino de literatura brasileira: O perfil do romancista brasileiro é homem, branco, classe média.

Nesse sentido, qualquer produção que fuja desse ideal de prestígio se esbarra no desconforto e silenciamento, além de não ser reconhecido e legitimado pela academia. Outrossim, o referencial teórico em questão reflete a necessidade de dar voz ao outro, ou seja, dar voz aos marginalizados, quebrando o silêncio imposto pelas classes que detém o poder. Assim, a mulher negra está inserida num contexto de constante marginalização e subalternidade em todas as esferas da sociedade brasileira, sofrendo diferentes formas de opressão, tendo como consequência o apagamento das suas contribuições literárias.

Portanto, o ostracismo social evidenciado por escritoras negras em diversos momentos literários constitui a manutenção da hegemonia branca, patriarcal e racista e que por isso devem ser reconhecidos e enfrentados, pois a produção afro-feminina narra a vivência das tradições culturais, além de denunciar as problemáticas que versam sobre condição dos negros no Brasil e que por isso precisam ser incluídas na memória cultural e literária do país.

Dos silenciamentos

A primeira escritora que se faz necessário uma reflexão sobre o seu apagamento na Literatura Brasileira é Maria Firmina dos Reis. Autora do romance *Úrsula* de 1859, que, segundo Assis Duarte (2005) é considerado o marco fundador da literatura afro-brasileira, o primeiro romance de temática abolicionista, além de ser a pioneira na construção das vozes de escritoras negras. É perceptível que Maria Firmina é responsável por vários marcos históricos na construção do imaginário brasileiro, porém ainda se encontra ausente nos espaços escolares.

Se por um lado Maria Firmino rompe barreiras ao ser pioneira em tantas temáticas e vencido as condições de mulher mestiça, bastarda e pobre, no século XIX, do outro temos uma voz silenciada na escola literária denominada Romantismo, não constando nos manuais clássicos na historiografia literária. Assim, a injustiça da escritora que inova no romance *Úrsula* o qual, pela primeira vez, o negro tem voz, pela primeira vez a África é representada como um continente não mais de dores, mas sim de liberdade, não ser estudada na Educação Básica, já que no Ensino de Literatura Brasileira, na etapa denominada ensino médio, os autores canônicos comumente estudados, na prosa, são: Joaquim Manuel Macedo, José de Alencar, Bernardo de Guimarães, entre outros.

Carolina Maria de Jesus também é uma escritora ainda ausente nos espaços de educação. A autora de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, faz referência e ao mesmo tempo



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

denuncia a situação de extrema desigualdade social vivenciada por milhares de brasileiros, além de demarcar, através de seus relatos o que Léila Gonzalez (1984) chama de “divisão racial do espaço”.

Além disso a literatura de Carolina Maria de Jesus demonstra a vontade que a escritora tinha de sair da favela e deixar todas as mazelas que estavam presentes a partir dessa vivência. O horror, a opressão, fome, pobreza é descrita pela voz de quem realmente passa por isso. Não é outro que fala em seu lugar e que é autorizado a falar por si, como é comum na literatura brasileira o pobre, o miserável, o negro, ser descrito e narrado por vozes brancas, ricas de outra realidade social. Nesse sentido, é a voz da mulher negra marginalizada que fala por si e por outros que estão na mesma condição: “Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.” (JESUS, 2014, p. 39)

O apagamento de Carolina Maria de Jesus na periodização da literatura brasileira, na educação básica, é analisado a partir da Terceira Geração Modernista que tem início em 1945. Contemporânea de Clarice Lispector, tendo o romance publicado em 1960, ou seja, dezessete anos antes que Hora da Estrela de Clarice Lispector, Carolina não é contemplada nos estudos literários. Sua escrita ainda é vista como um recorte da literatura nacional, ainda se encontra marginalizada e que por isso não é contemplada nos livros didáticos que norteiam as práticas de ensino de literatura brasileira. Adotar Quarto de despejo como paradidático fica a critério da escola e do professor que em muitos casos preferem trabalhar com nomes canônicos, consagrados e legitimados academicamente como a já mencionada Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosas, entre outros.

Fica evidente a perda inestimável que o estudo da autora Carolina Maria de Jesus faria na Educação básica. A exclusão dessa autora pela crítica coloca em discussão a segregação da literatura, apagando as suas contribuições culturais e sociais, deixando à margem o outro que nunca é visto dentro do cânone, conforme Theodor Adorno (1998) explicita:

A cultura só é verdadeira quando implicitamente crítica, e o espírito que se esquece disso vingá-se de si mesmo nos críticos que ele próprio cria. A crítica é um elemento inalienável da cultura, repleta de contradições e, apesar de toda a sua inverdade, ainda é tão verdadeira quanto não-verdadeira é a cultura. A crítica não é justa quando destrói – esta ainda seria uma melhor qualidade –, mas quando, ao desobedecer, obedece. (ADORNO, 1998, p. 11)

Esse outro que Carolina Maria de Jesus representa é o que compõe grande parte dos estudantes brasileiros, já que a problemática da desigualdade social, a situação de miséria, o mito da democracia racial e o governo que não exercem o seu papel é uma poderosa reflexão que enriqueceria os debates nos ambientes escolares caso Carolina Maria de Jesus estivesse autorizada a perpassar por esses ambientes. Além do empoderamento negro que é uma questão bastante destacada em suas obras, já que a autora faz questão de valorizar a sua negritude, Carolina resiste ao racismo conforme o trecho a seguir:



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: - É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça êle já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2014, p. 64)

Outra autora conhecida pela academia, estudada em diversos cursos de graduação e pós-graduação e premiada com diversos prêmios literários é Conceição Evaristo. A própria autora afirma que só obteve o reconhecimento literário aos 71 anos de idade. A autora adota o termo *escrevivência* para relatar situações de racismo presentes no cotidiano da sociedade brasileiro, além de trazer ao leitor uma profunda reflexão acerca da situação da mulher negra.

Além disso, a escrita de Conceição Evaristo narra histórias particulares, mas que remetem a experiências coletivas, comuns à população negra, principalmente, das mulheres negras o que torna a sua escrita cúmplice de muitos sujeitos que ao falar de si, fala de outros. Nesse sentido, a autora fala pelo povo negro que sempre viveu em condição subalterna em relação aos brancos. Os negros brasileiros têm como ascendentes avós e mães lavadeiras analfabetas, tem a violência em seus corpos, mas que carrega a resistência como ferramenta para ascender socialmente e assim a própria autora afirma:

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. Minha passagem pelas casas das patroas foi alternada por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que eu levava os meus irmãos. O mesmo acontecia com os deveres de casa. Ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência às crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos. Além disso, participava com minha mãe e tia, da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas. Troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos. (EVARISTO, 2009, página digital)

Não há dúvidas que a *escrevivência* de Conceição Evaristo traz à tona, mais uma vez, as problemáticas que versam a construção da sociedade brasileira em relação à condição dos negros no Brasil. Dentro da literatura contemporânea a autora é de uma grande potência, porém ainda permanece silenciada nos manuais literários levados para as escolas. O cânone comumente estudado a partir da perspectiva da periodização da literatura brasileira e que são mais comuns nos materiais didáticos, quando pensamos na literatura contemporânea os nomes que mais aparecem são: Rubem Fonseca, Nelson Rodrigues, Luís Fernando Veríssimo, Cora



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Coralina, entre outros. Até mesmo nos principais sites que abordam conteúdos literários como: “Educa Mais Brasil”, “Infoescola”, “Gestão Educacional”, entre outros.

Considerações finais

As produções de escritoras negras buscam, através da palavra, disseminar o inconformismo e a luta daqueles que são sempre invisíveis na sociedade. As escritoras negras trazidas nesse trabalho, buscam refletir sobre a condição dos corpos negros subalternos, trazem denúncias através de diferentes momentos da história do Brasil, seja no século XIX, XX, XI, respectivamente com os nomes de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. O silenciamento vivenciado por essas mulheres na literatura brasileira é o aprofundamento das dominações raciais cujo branco ainda é aquele que tem o maior prestígio. Desse modo, o cânone literário brasileiro desautorizou a voz negra feminina, silenciando o seu discurso como forma de invalidá-lo socialmente traduzindo, portanto, as ideologias que perpassam a inferiorização da população negra.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ADORNO, Theodor. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. Tradução: Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida, trad. São Paulo: Ática, 1998.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades: ensaios**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005, p. 113-131.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.

EVARISTO, CONCEIÇÃO. **Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

EVARISTO, Conceição. Depoimento cedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafr/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: ago. 2020



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Professor diz que obra de Carolina Maria de Jesus não é literatura e provoca embate no RJ. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/professor-diz-que-obra-de-carolina-maria-de-jesus-nao-e-literatura-e-provoca-embate-no-rj/> > Acesso em: 04 de julho de 2019

GRADE CURRICULAR DO CURSO DE LETRAS UFBA. Disponível em: < https://colegiadosdeletras.ufba.br/sites/colegiadosdeletras.ufba.br/files/grade_curricular_401.2_00_-_licenciatura_em_letras_vernaculas_-_diurno.pdf/ > Acesso em: 04 de julho de 2020

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 48.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017

SANTOS, J. L. **Quarto de despejo**: uma análise acerca do racismo e da branquitude. Revista Crioula, n. 21, p. 378-403, 30 junho de. 2018

SENADO FEDERAL. **O negro e a Constituição de 1824**. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/180818>. Acesso em: 07 de julho de 2019.

REIS, Roberto. Canôn. In: JOBIM, José Luis (Org.). **Palavras de crítica**: tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92.

SILVA, Ana Rita Santiago da. **Literatura de Autoria Feminina Negra**: (Des)silenciamentos. fólio - Revista de Letras, [S.l.], v. 2, n. 1, abr. 2018. ISSN 2176-4182. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3622>. Acesso em: 12 de julho de 2019.